

Brinquedos, brincadeiras e mimese: infância e significação a partir de Walter Benjamin

Lidnei Ventura*

Letícia Águida Bento Ferreira**

Gustavo José Assunção de Souza***

Introdução

É difícil emoldurar Walter Benjamin (W.B.) e sua obra, assim como limitar sua produção teórica apenas a uma área do conhecimento ou atividade humana, isso devido a versatilidade escritural do autor. Subvertendo limites tácitos entre filosofia, arte e técnica, crítica literária e crônica autobiográfica, esse importante pensador alemão do século XX, apesar da morte prematura, deixou uma vasta produção bibliográfica que instiga seus estudiosos e biógrafos até hoje.

Chama a atenção seu interesse pela infância em geral e, principalmente, pelas atividades infantis com jogos, brinquedos e brincadeiras, resultando desse interesse uma visão original da infância e suas singularidades.

Mesmo em um sobrevoo rápido de seus escritos, percebe-se que a infância perpassa toda sua obra e está presente em diversos momentos da vida e produção literária. Seu hábito de colecionador incluía um importante acervo de livros infantis, cartilhas e, especialmente, brinquedos antigos, quase sempre entalhados artesanalmente (BENJAMIN, 2009). Na sua produção literária, além de resenhas específicas sobre autores e pesquisadores do brinquedo e brincadeiras, a criança que

* Doutor em Educação. Professor do Centro de Educação a Distância da Universidade do Estado de Santa Catarina. Departamento de Pedagogia a Distância. Integrante do Grupo de Pesquisa Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar – Sul.

E-mail: llrventura@gmail.com

** Mestranda na Linha Educação, Comunicação e Tecnologia do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. Integrante do Grupo de Pesquisa Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar – Sul. Supervisora Escolar da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

E-mail: leticia.snos@gmail.com

*** Mestrando na Linha Educação, Comunicação e Tecnologia, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. Integrante do Grupo de Pesquisa Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar – Sul. Professor do Ensino Fundamental 1 da Rede Municipal de Ensino de Palhoça.

E-mail: gustavo.souza@aluno.fmpsc.edu.br

brinca está sempre presente, como em diversos aforismas de *Rua de Mão Única*, nas majestosas crônicas de *Infância em Berlim por volta de 1900*, assim como em temas de diversos programas produzidos por ele para as rádios *Funkstunde S.A.*, de Berlim e *Südwestdeutschen Rundfunks*, de Frankfurt. Decorrem desses e outros estudos uma complexa teoria do brinquedo, de cunho antropológico e cultural, assim como uma visão multifacetada e sensível da criança e da infância.

Na primeira seção do estudo, contextualizamos a presença do tema do brinquedo, brincadeira e infância em algumas obras já citadas e outras que permeiam as deambulações criativas benjaminianas.

Na seção seguinte, são apresentadas as relações entre brinquedo, brincadeira e criança, tendo como fio condutor o conceito de mimese e sua raiz antropológica.

Na última seção, enquanto corolário da seção anterior, são traçadas algumas implicações da concepção benjaminiana do brinquedo e do brincar para o processo de significação da criança e a constituição do imaginário infantil, questões essas reiteradas nas considerações finais.

Embora o conjunto da obra benjaminiana sobre jogos, brincadeiras e brinquedos tome a criança em seu universo particular, talvez se possa identificar nela também uma preocupação original e criativa quanto à dimensão pulsional das brincadeiras na constituição da personalidade adulta, tema que também perpassa o horizonte de curiosidades deste estudo.

Criança, infância e brinquedo no contexto da obra de W.B.

A criança e suas particularidades são temas recorrentes e pendulares nos escritos de W.B. É muito difícil e até mesmo inglória a tentativa de pinçar aqui e ali estudos específicos do autor sobre o assunto, pois tudo se mistura num caldeirão de imagens de pensamento onde ele alterna filosofia da linguagem, literatura, filosofia da história, epistemologia e estudos culturais e antropológicos. Diante de tamanha profusão teórica, só podemos sinalizar e comentar algumas das obras principais e apontar, minimamente, o lugar ocupado nelas pelas reflexões sobre o que podemos chamar de “universo infantil”, ou seja, sobre o microcosmo de atuação da criança e seus entrelaçamentos com macrocosmo social, a partir do qual constrói sua identidade.

Em 1919, então com 27 anos de idade, W.B. se aproxima do tema da infância. Numa resenha da novela de André Gide, *A porta estreita* (1919), coloca no centro a importância dos sentimentos infantis como promessas de que um dia poderão ser contemplados como “[...] campos de batalha onde reina a paz” (BENJAMIN, 2002a, p. 50). Um desses

campos vai retornar em um autor reverenciado e estudado por Benjamin, Marcel Proust, que rememora a infância na sua majestosa obra, *Em busca do Tempo Perdido*, e com ela edifica uma obra monumental. A miragem dos momentos felizes da infância em Combray, França, que praticamente emergem do chá com *madeleine*, compõe uma imagem do mundo, que passa como um relâmpago, assim como Benjamin (2012a, p. 217) afirma ser possível encontrar “[...] dentro de uma velha caixa de brinquedos”. Na resenha *A imagem de Proust* (1929), W.B. evoca a doutrina das semelhanças para dizer que não é de dentro de uma caixa de brinquedos que Proust tira suas imagens do mundo, mas de uma meia enrolada numa gaveta, que remete a um mundo onírico, onde as crianças enfiam a mão, fertilizam seu imaginário e criam todo um universo de significações. Como se pode perceber, a infância, enquanto categoria antropológica, é evocada por Benjamin para as mais diversas explicações, surgindo no cenário de sua produção, como dissemos, de forma recorrente e pendular.

É recorrente em obras como *Rua de Mão Única*, composta com imagens de pensamento, dentre as quais a infância ocupa um lugar central na pavimentação de aforismos como *Canteiro de obra*, *Ampliações e Filatelia*, que ora destacam a potência criativa da criança, ora reivindicam o respeito à sua maneira de ver a atuar no mundo, criticando a visão burguesa adultocêntrica ou pedagógica. Também é recorrente nas conferências radiofônicas, destinadas ao público infantil e adolescente, mas que demonstra a preocupação do autor em proporcionar para seus ouvintes estudos culturais dos brinquedos e brincadeiras, tais como *Um menino nas ruas de Berlim*, *Passeio pelos brinquedos de Berlim I e II* e *Um dia maluco*. Essas peças têm a criança como protagonista ou propõem jogos interativos com a criança ouvinte para atuar didática e pedagogicamente. Embora de forma recorrente, na hermética *A doutrina das semelhanças* (1933), a criança ocupa um lugar central na explicação da faculdade mimética, pois segundo Benjamin, é nela que repousa o princípio originário de toda semelhança que encontramos no mundo e em cujo universo se refugiaram infinitas *correspondências não sensíveis*, que nos acodem em diversos momentos sem saber de onde elas vêm. O autor explica melhor sua complexa teoria:

Essa faculdade [mimética], porém, tem uma história, tanto no sentido filogenético como no ontogenético. No que diz respeito ao último, a brincadeira infantil constitui a escola de muitos aspectos dessa faculdade. Para começar, os jogos infantis são impregnados de comportamentos miméticos, que não se limitam de modo algum à imitação de pessoas. A criança não brinca apenas de ser comerciante ou professor, mas também moinho de vento e trem. A questão central, conteúdo, é saber qual a utilidade para a criança dessa instrução na atitude mimética (BENJAMIN, 2012a, p. 117).

Ainda segundo W.B, no homem moderno, há uma decrepitude da faculdade mimética, ou seja, de perceber semelhanças e estabelecer correspondência, daí a importância de considerar a brincadeira infantil como um meio de estimular esse dom “perdido”.

A aparição desses temas em W.B. também é pendular na medida em que não tangencia, mas se volta diretamente para o mundo infantil, esticando a amplitude de estudos sobre brinquedos, literatura infantil, coleções etc. É o caso de resenhas específicas, como aquelas realizadas sobre as obras de estudiosos de livros infantis e brinquedos, como Karl Hobrecker e Karl Gröber, respectivamente *Livros infantis velhos e esquecidos* (1924) e *Brinquedos e jogos: observações marginais sobre uma obra monumental* (1928). Ainda em 1928, W.B. escreve uma resenha chamada *Velhos brinquedos: sobre a exposição de brinquedos no Märkische Museum*, de Berlim, detalhando a coleção e destacando sua importância para compreensão do papel do brinquedo na constituição da infância. É nesse breve texto, com menos de dez páginas, que Benjamin elabora toda uma complexa teoria sobre as raízes miméticas dos brinquedos e brincadeiras, dialogando com a teoria freudiana dos impulsos para explicar a compulsão da criança pela repetição sistemática da brincadeira e o quanto esses impulsos retornam na vida adulta como hábitos internalizados. Algumas passagens dessa resenha serão retomadas adiante.

Como se sabe, quando se extingue a força motriz inicial do pêndulo, sua velocidade vai diminuindo aos poucos até ficar totalmente inerte. Depois de visitar as extremidades, o pêndulo para no centro. Podemos conjecturar que a parada pendular de Benjamin sobre a infância e a criança é a obra *Infância em Berlim por volta de 1900* (1932/1933). Nela, o autor se entrega totalmente a uma lembrança restauradora, não meramente biográfica ou saudosista, mas para encontrar nela as correspondências entre o mundo infantil de uma criança burguesa e as contradições e injustiças sociais sob o capitalismo do início do século XX. Cada uma das minúsculas crônicas, mônadas pueris, expressa o microcosmo infantil e o macrocosmo social vistos na perspectiva do pequeno Benjamin, protagonista de aventuras que marcariam sua vida para sempre, mas que só retornam no adulto por um exercício de atenção à infância, como no cheiro da maçã que subia pela chaminé que anunciava tanto o prazer dos cuidados da ama, quanto o enfado de ir à escola. Longe de se remeter a uma infância idílica e prosaica, suas crônicas carregam a tensão e as contradições dialéticas de um tempo, prazeres e dissabores, harmonia doméstica e conflitos geracionais, alienação do mundo e descoberta da exploração humana, opulência da riqueza burguesa e descoberta da

pobreza no mundo. Nessa “pequena obra prima”, como disse J. M. Gagnebin (2013, p. 80), W.B. reserva à criança um papel caro à Sociologia da Infância atual: o seu protagonismo na produção de uma cultura infantil, permeada pela vida dos adultos, mas autêntica e independente em muitos sentidos.

Passamos em revista algumas uma pequena parte de textos de W.B. nos quais a criança e a infância são alçadas a categorias conceituais centrais das preocupações do autor, cabendo aprofundamento em outros trabalhos. Mas é importante mencionar ainda que uma boa garimpada na sua principal obra, *Das Passagen-Werk* ou como foi traduzida no Brasil, *Passagens* (2007), é possível se achar aqui e ali menção às bonecas, tanto como brinquedo como fantasmagoria da modernidade, que a tudo converte em mercadoria. Adiante voltaremos a esse tema.

Nas próximas seções, serão feitas aproximações mais pontuais com as complexas reflexões sobre a criança, a infância e as brincadeiras no processo de significação infantil a partir da lente de W.B.

Brinquedo, brincadeira, mimese e infância

Como tratado na seção anterior, a compreensão a respeito da infância e da criança em W.B. distancia-se da ideia romantizada, idealizada ou de incompletude em relação ao adulto, visão essa muito comum no início do século XX e alvo de suas críticas à educação da época. Benjamin (2009, p. 94) reconhece que “[...] as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas fazem parte do povo e da classe que pertencem”, por isso são marcadas pelo contexto sócio-histórico-cultural. Dessa maneira, elas não são indiferentes ao seu tempo e, na relação do microcosmo e macrocosmo, vão compreendendo, significando e ressignificando o mundo que as cercam.

No fragmento *Criança Escondida* (1926-1928), que compõe a obra *Reflexões sobre a Criança, o Brinquedo e a Educação* (2009), W.B. traduz esse universo lúdico e a percepção sensível da criança, onde a atividade mimética possibilita explorar o mundo, construindo-o e reconstruindo-o, ultrapassando os limites do próprio corpo. Diz ele:

Atrás do cortinado, a própria criança transforma-se em algo ondulante e branco, converte-se em fantasma. A mesa de jantar, debaixo da qual ela se põs de cócoras, a faz transformar-se em um templo onde as pernas talhadas são quatro colunas. E atrás da porta, ela é a porta, incorporou-a como pesada máscara e, feita um sacerdote-mago, enfeitiçará todas as pessoas que entrarem desprevenidas (BENJAMIN, 2009, p. 107-108).

Em outro fragmento, *As Cores*, agora do livro *Infância em Berlim por volta de 1900*, a sensibilidade própria da brincadeira infantil se mostra na relação mimética e na busca de correspondências permeadas pela fantasia e imaginação.

Em nosso jardim havia um pavilhão abandonado e carcomido. Gostava dele por causa das janelas coloridas. Quando, em seu interior, passava a mão de um vidro a outro, ia me transformando. Tingia-me de acordo com a paisagem na janela, que se apresentava ora chamejante, ora empoeirada, ora esmaecida, ora suntuosa. Acontecia o mesmo com minhas aquarelas, de onde as coisas me abriram seu regaço tão logo as tocava com uma nuvem úmida. Coisa semelhante se dava com as bolhas de sabão. Viajava dentro delas por todo o recinto e misturava-me aos jogos de cores de suas cúpulas até que se rompessem (BENJAMIN, 2012b, p. 102).

Para o autor, nada mais próprio da criança do que esse movimento imagético, curioso e criativo de lidar com os objetos que se apresentam disponíveis no mundo, onde “[...] um simples fragmento de madeira, uma pinha ou uma pedra reúnem a solidez e na simplicidade de sua matéria toda uma plenitude das figuras mais diversas” (BENJAMIN, 2012a, p. 265). Com isso, pondera que essa forma do brincar infantil liberta a criança para criação de novos enredos e construção de outros cenários, mas que, por vezes, podem ser comprometidos ou limitados pela lógica racionalista, utilitária e mercadológica que os adultos impõem aos brinquedos e à brincadeira.

Em a *História Cultural do Brinquedo* (1928), W.B. aborda a relação entre os materiais utilizados na produção dos brinquedos do período da industrialização e os que surgiram ainda no século XVIII. Diz ele que os brinquedos manufaturados surgiram “[...] primeiramente nas oficinas de entalhadores de madeira, de fundidores de estanho, etc. [...] Os animais de madeira entalhada podiam ser encontrados no carpinteiro, os soldadinhos de chumbo no caldeireiro [...]” (BENJAMIN, 2012a, p. 264). Já a produção em larga escala de brinquedos, fenômeno da modernidade, modifica a estrutura do brinquedo que de pequenos e discretos, tornam-se cada vez maiores e pomposos. Nessa fase de produção, projetados por adultos, técnicos e ou pedagogos, os brinquedos ganham conotação de distração para as crianças, induzindo, por vezes, a padrões de comportamento e resultando em um desinteresse pelas crianças. Sobre isso, Benjamin (2012a, p. 265) conclui: “O brinquedo começa a emancipar-se: quanto mais avança a industrialização, mais ele se esquivava ao controle da família, tornando-se cada vez mais estranho não só para as crianças, como também aos pais”.

Uma importante contribuição das reflexões do autor sobre a brincadeira e o brinquedo está no deslocamento do potencial criativo do objeto brinquedo para o

sujeito criança. É a criança que elabora, fantasia, imagina e recria a partir dos seus desejos e repertórios, complexificando os elementos do brincar;

[...] pois quanto mais atraentes são os brinquedos, no sentido usual, mais se afastam dos instrumentos de brincar; quanto mais eles imitam, mais longe eles estão da brincadeira viva. As várias casas de bonecas reproduzidas por Gröber ilustram esse fenômeno. Podemos descrevê-lo da seguinte maneira: a imitação está em seu elemento na brincadeira, e não no brinquedo (BENJAMIN, 2012a, p. 247).

Assim, a palavra alemã *Spielen*, que designa brincar e representar, traz potência para o entendimento de W.B de que a “[...] essência da representação, como da brincadeira, não é o ‘fazer como se’, mas ‘fazer sempre de novo’, é a transformação em hábito de uma experiência devastadora” (BENJAMIN, 2012a, p. 271), pois na brincadeira, na representação de papéis, a criança reelabora o antigo, experimenta e transgride a lógica do mundo adulto. A brincadeira, então, assume papel fundamental nesse processo de construção de significados e Benjamin vai atribuir à “repetição”, ou, o prazer de “brincar outra vez” como a essência do ato de brincar.

O legítimo desejo de “repetição” ou de “fazer sempre de novo” que se dá na brincadeira infantil, não se trata de uma simples imitação ou reprodução do universo adulto, mas da capacidade complexa de conhecer e interpretar o mundo acionando experiências do passado e as ressignificando no presente. É desta forma que a atitude mimética compõe a experiência infantil do brincar.

A brincadeira e o processo de significação da criança

“A concretude apaga o pensamento, a abstração o acende” (W.B.)

A epígrafe acima, extraída do primeiro do *Primeiro Esboço das Passagens parisienses*, é uma daquelas enigmáticas afirmações características de W.B. que nos deixam ensimesmados. Se considerarmos que ela está situada em uma plêiade de aforismas metodológicos, podemos conjecturar que os *modos de conhecer* estão menos ligados aos objetos e às coisas do que aos processos de significação que provocam. Ou seja, é a abstração que confere sentido à materialidade do mundo. No entanto, os objetos carregam potencialidades significativas, pois passam a compor, pela mediação da linguagem, artefatos icônicos e semióticos.

O mundo dos brinquedos e das brincadeiras carregam esses modos de conhecer e quanto mais alto for o grau de abstração alcançado, mais significados serão mobilizados no desenvolvimento do pensamento infantil ou, usando uma linguagem benjaminiana, maior a constelação de imagens dialéticas criadas pela criança. São essas imagens, construídas e reconstruídas nas brincadeiras, que mobilizam processos de significação infantil, não como cópias ou transposição do mundo adulto, mas como reestruturações, adaptações e inventividades originais.

Na resenha *Livros infantis velhos e esquecidos*, Benjamin elabora uma imagem dialética da criança. Para ele, a criança tem uma potência criadora intrínseca capaz de produzir ressignificações das imagens do tempo e do mundo, criando ela mesma uma imagem do *ser criança* a partir de sua própria interioridade. Essas relações podem ser percebidas também no brinquedo, por assim dizer, a parte concreta da brincadeira. Embora W. B. aponte para o lado da crescente industrialização dos brinquedos e dos livros infantis, percebe a criança como um ser capaz de montar, por meio dos fragmentos da história em que está imersa, a sua individualidade, contrariando funções impostas a ela pelos adultos, normalmente infantilizadas, sobretudo no que diz respeito aos brinquedos e seus modos de brincar. Segundo ele, a criança se relaciona com o mundo com os elementos dos quais dispõe, mas nem por isso esse modo de interação seja menos sério do que os dos adultos que, por hábito ou desconhecimento, tendem a miniaturizar o mundo para a ela. Por isso Benjamin crítica a forma infantilizada como os adultos normalmente se dirigirem à criança, coisa que os velhos e clássicos livros infantis não fazem. Assim, reflete o autor:

A criança exige dos adultos explicações claras e inteligíveis, mas não explicações infantis, e muito menos as que os adultos concebem como tais. A criança aceita perfeitamente coisas sérias, mesmo as mais abstratas e pesadas, desde que sejam honestas e espontâneas e, por isso, algo pode ser dito a favor daqueles velhos textos (BENJAMIN, 2012a, p. 255-256).

Ainda na referida resenha, Benjamin compara a literatura romanesca juvenil do seu tempo com os “velhos textos”. Diz ele que há uma aura melancólica que se instala em certas produtoras de conteúdo infantil, na época moderna, que lutam para salvar uma imaginária pureza infantil. “Trata-se do preconceito segundo o qual as crianças são seres tão diferentes de nós, com uma existência tão incomensurável à nossa, que precisamos ser particularmente inventivos se quisermos distraí-las” (BENJAMIN, 2012a, p. 256). Ele se refere a um esforço em vão e a um preconceito em relação às crianças, pois elas vão se interessar justamente pelos detritos deixados pela bancarrota do ideal:

fazem das sobras das imagens dos adultos um campo fértil para se desenvolverem e significarem o mundo. E assim afirma:

Elas se sentem atraídas irresistivelmente pelos detritos, onde quer que eles surjam - na construção de casas, na jardinagem, na carpintaria, na confecção de roupas. Nesses detritos, elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas assume para elas, e só para elas. Com tais detritos, não imitam o mundo dos adultos, mas colocam os restos e resíduos em uma relação nova e original. Assim, as próprias crianças constroem seu mundo de coisas, um microcosmo no macrocosmo (BENJAMIN, 2012a, p. 257, grifo nosso).

A criança constrói seu mundo com retalhos de imagens dialéticas para dar sentido ao mundo, como na composição de um grande manto de significados. Esse manto, de múltiplas tessituras, é composto por fragmentos com os quais a (re)criação de imagens desemboca no processo de significação infantil. A criança, para significar, enlaça-se no mundo das imagens para a criação de si, fazendo brotar significações a partir de escombros, cacos e flash de objetos e experiências vividas. Neste sentido, as representações que faz do mundo que a cerca e que imagina, não são meras cópias, mas criações originais, onde se misturam dialeticamente realidade e ficção, não podendo se saber o início e fim de cada uma, pois se constituem como usinas de abstrações que acendem o pensamento, como W.B. disse na epígrafe da seção.

A criança brinca com imagens, não apenas com o conteúdo ideacional do brinquedo, sua formosura ou sua moda; a criança busca nas imagens a variação de diferentes cenas sociais e históricas, redigindo dentro delas, reinventando seus significados e tecendo correspondências originais, tanto com a brincadeira com um objeto material, quanto na brincadeira com as imagens no campo simbólico. Ela faz isso de acordo com o seu próprio repertório e com os recursos presentes na sua vida social, de onde ela extrai o conteúdo das suas brincadeiras. A esse respeito, diz W.B.:

A criança não é nenhum Robinson, as crianças não constituem nenhuma comunidade separada, mas são partes do povo e da classe a que pertencem. Por isso, o brinquedo infantil não atesta a existência autônoma e segregada, mas é um diálogo mudo, baseado em signos, entre a criança e o povo (BENJAMIN, 2012a, 266).

Tal diálogo mudo da criança com o núcleo de sua comunidade se dá desde o berço (como um chocalho que espanta os espíritos, diz Benjamin), e essa comunhão dos signos faz parte da cooperação na criação de nomes e signos. As correspondências não

sensíveis que a criança pode fazer ao significar um brinquedo estão diretamente ligadas à conjuntura social que lhe oferece signos e formas de interpretação do mundo. Daí a crítica de W.B. endereçada ao consumo de brinquedos como objetos de culto propostos pelos fabricantes de brinquedos, cuja origem pode ser encontrada nas perspectivas pedagógicas “racionalistas”, que veem no produto e não na brincadeira e na faculdade de produzir semelhanças com/no mundo a sua razão de ser. Quando um brinquedo é imposto à criança como objeto de culto (como algo a ser preservado, mais do que usado como um artefato para brincar), menospreza-se a capacidade das crianças de, com sua imaginação, transformarem o mundo perceptivo em uma dimensão extrassensível, ou como diz Benjamin, mágica. Neste sentido, afirma:

O mundo perceptivo da criança está marcado pelos traços da geração anterior e se confronta com eles; o mesmo ocorre com as suas brincadeiras. É impossível situá-las num mundo de fantasia, na terra feérica da infância pura ou da arte pura. Mesmo quando não imita os utensílios adultos, o brinquedo é uma confrontação – não tanto da criança com o adulto, como deste com a criança. Não são os adultos que dão em primeiro lugar os brinquedos às crianças? E, mesmo que a criança conserve uma certa liberdade de aceitar ou rejeitar, muitos dos mais antigos brinquedos (bolas, arcos, rodas de penas, papagaios) de certo modo terão sido impostos à criança como objeto de culto, que somente graças à sua imaginação se transformaram em brinquedos (BENJAMIN, 2012a, p. 268).

Esses objetos de culto provêm da geração anterior, como um amálgama de desejos, práticas e relações transformados em imagens por aqueles que antecederam a criança. Essas são marcas e cacos da história e, com elas, a criança vai construir o seu próprio traçado. E faz isso graças a sua imaginação, potência criadora e viva, abrindo constantes “iluminações” em meio aos escombros das imagens do passado para criar o presente potente e renovado.

Considerações finais

Na esteira de Walter Benjamin, as considerações nunca são finais. Ao contrário, são apenas limiares de outras tantas considerações que devem ser enunciadas.

O que fizemos ao longo deste trabalho foi apenas resenhar algumas das complexas formulações, nem sempre claras e quase sempre herméticas, de um autor polímata, não emoldurável e original chamado Walter Benjamin.

Em que pese o hermetismo de algumas passagens, W.B., tem o mérito de trazer a criança e a infância para a cena da reflexão filosófico-cultural. E o faz de forma

autêntica, montando um conjunto ou, nas suas palavras, uma constelação de imagens sobre a infância a partir de critérios epistemológicos e antropológicos de longo alcance.

A criança benjaminiana deve ser tomada como ser histórico-social, imerso numa coletividade da qual extrai elementos para autocriação de ideias, representações e imaginários autênticos. E é pela brincadeira que constrói sua identidade e o seu processo de significação. Daí a importância que W.B. atribui aos brinquedos e à brincadeira, pois é mediada por eles que a criança dá sentido ao mundo, muitas vezes à revelia do que os adultos impõem.

Nos jogos e brincadeiras a criança atualiza, em cada cena, pela mimese, a ancestral faculdade de encontrar semelhanças sensíveis e extrassensíveis no mundo. Talvez seja esse o cerne da concepção antropológica de Benjamin sobre o papel da brincadeira e dos brinquedos na constituição da infância, algo que apenas tangenciamos com as nossas aproximações do autor.

Referências

BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas I, Magia e técnica: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012a.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas II, Rua de Mão Única, Infância em Berlim por volta de 1900, Imagens do pensamento**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 6. ed. São Paulo, 2012b.

GAGNEBIN, J. M. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013.